

# A PERCEPÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL E DE ALUNOS DA PEDAGOGIA SOBRE O FUTURO DA PROFISSÃO DOCENTE

## THE PERCEPTION OF ELEMENTARY SCHOOL TEACHERS AND STUDENTS OF PEDAGOGY ABOUT THE FUTURE OF THE TEACHING PROFESSION

Zuleika Zamoner 1  
Monica de Castro Mello Teruya 2  
Mariana Aranha de Souza 3  
Angela Michele Suave 4  
Patrícia Ortiz Monteiro 5

Mestre em Educação pelo Mestrado Profissional em Educação 1  
pela Universidade de Taubaté. Professora do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Educação de São José dos Campos/SP e da Rede Estadual de Educação de São Paulo. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5703436388367285>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2202-9993>.  
E-mail: [zamonerzuleika@yahoo.com.br](mailto:zamonerzuleika@yahoo.com.br)

Mestre em Desenvolvimento Humano pela Universidade de Taubaté. 1  
Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Ubatuba/SP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1435970390419456>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8188-8413>.  
E-mail: [teruyamonica78@gmail.com](mailto:teruyamonica78@gmail.com)

Doutora em Educação: Currículo pela Pontifícia Universidade Católica 1  
de São Paulo. Professora do Mestrado em Educação da Universidade de Taubaté e do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional do Centro Universitário do Sul de Minas.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1486008243996275>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2229-0630>.  
E-mail: [profa.maaranha@gmail.com](mailto:profa.maaranha@gmail.com)

Doutora em Serviço Social, Política Social e Movimentos 2  
Sociais pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora do Mestrado em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3812389033592927>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2927-3438>.  
E-mail: [michelesuave@hotmail.com](mailto:michelesuave@hotmail.com)

Doutora em Ciências Ambientais pela Universidade de Taubaté. 2  
Professora do Mestrado em Educação e em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8048616778601408>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2944-9050>.  
E-mail: [patyortizmonteiro@terra.com.br](mailto:patyortizmonteiro@terra.com.br)

**Resumo:** Exercer a profissão docente é um desafio e a prática da sala de aula requer conhecimentos. A presente pesquisa busca investigar as percepções dos graduandos de Pedagogia na modalidade a distância, e de professores do Ensino Fundamental I de escola pública sobre o futuro da profissão docente. A pesquisa foi desenvolvida em uma universidade pública da região metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, e com professores dos anos iniciais de rede municipal de educação, do maior município da mesma região. É uma pesquisa aplicada, exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa e quantitativa, e com procedimento de coleta de dados de levantamento bibliográfico, questionários e entrevistas. Os dados já coletados com professores em exercício da profissão identificaram os motivos que os levaram a entrar na carreira, suas expectativas e realidades correlacionando com as expectativas dos graduandos quanto a futura profissão. A valorização social do professor e a acessibilidade foram determinantes para a escolha do curso e suas expectativas eram de assumir uma sala e nesse espaço encontrar um mundo maravilhoso, afinal tudo aquilo que aprenderam na teoria poderia ser posto em prática. O choque com a realidade surge logo no início. Os professores alegam que o curso não os prepara para a realidade e o sentimento é de falha. Esse recorte finaliza com a reflexão sobre o sentimento de desistir da profissão, o que nos faz concluir que os problemas relacionados a uma rotina escolar e pedagógica são desafiadores, porém motivadores.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Profissional Docente. Ser professor. Pedagogia.

**Abstract:** Exercising the teaching profession is a challenge and the practice of the classroom requires knowledge. The present research seeks to investigate the perceptions of Pedagogy undergraduate students in the distance modality, and of elementary school teachers from public schools about the future of the teaching profession. The research was carried out at a public university in the metropolitan region of Vale do Paraíba and Litoral Norte, and with teachers from the early years of the municipal education network, in the largest municipality in the same region. It is an applied research, with exploratory and descriptive objectives, with a qualitative and quantitative approach, and with a procedure for collecting data from bibliographic surveys, questionnaires and interviews. The data already collected with professors in the profession identified the reasons that led them to enter the career, their expectations and realities correlating with the expectations of the graduates into the future profession. The social appreciation of the teacher and accessibility were decisive for the choice of the course and their expectations were to take up a room and find a wonderful world in that space, after all everything they learned in theory could be put into practice. The clash with reality comes at the very beginning. Teachers claim that the course does not prepare them for reality and the feeling of failure. This cut ends with a reflection on the feeling of giving up the profession, which leads us to conclude that the problems related to a school and pedagogical routine are challenging, but motivating.

**Keywords:** Teacher Professional Development. Be a teacher. Pedagogy.

## Introdução

A educação é uma premissa para o crescimento e desenvolvimento do país e os profissionais docentes são aqueles que trabalham diretamente com a formação das crianças e jovens que no futuro escolherão seus caminhos, atuando na sua formação social, moral, cognitiva e afetiva (GATTI, 2009, p. 90).

Tornar-se professor é transformar uma predisposição em uma disposição pessoal. A profissão exige espaços e tempos que permitam um trabalho de autoconhecimento, de autoconstrução, de um acompanhamento, de uma reflexão sobre a profissão, desde o primeiro dia de aula na universidade, contribuindo para combater os fenômenos de evasão e, mais tarde, de “desmoralização” e de “mal-estar” dos professores (NÓVOA, 2017, p. 1121).

O que está acontecendo é um processo de desprofissionalização, manifestada de maneiras distintas, como reforça Nóvoa (2017), incluindo níveis salariais baixos e difíceis condições nas escolas, bem como processos de intensificação do trabalho docente por via de lógicas de burocratização e controle.

Existe, segundo o autor, uma crítica as instituições universitárias de formação de professores, acusadas de irrelevância e de serem “uma indústria de mediocridade” (NÓVOA, 2017, p. 1109). Para o autor, a imagem da profissão docente é a imagem da sua instituição de formação e questiona a escolha do curso de licenciatura ser a segunda opção, por falta de alternativas, pela facilidade do acesso e horário dos cursos. A primeira fragilidade da profissão reside justamente nesse momento inicial.

A pesquisa parte de alguns indicadores, como o *status* da carreira do professor estar em baixa na sociedade atual. A valorização da carreira docente foi perdendo espaço ao longo da história, porém a figura deste profissional continua sendo primordial. Segundo Dolton, Marcenaro e Vries (2018), o Brasil caiu para a última posição do ranking de prestígio de docentes, existindo contrastes significativos entre os países na medida em que os pais encorajariam as gerações mais jovens a se tornarem professores. Enquanto mais de 50% dos pais na China, Coréia, Índia, Gana e Malásia prospectam seus filhos como futuros professores, menos de 8% fazem isso no Brasil, Israel e Rússia. Percebe-se também que nestes países que incentivam a profissão, mostra-se um nível mais alto na crença de que os alunos respeitam os professores. Os dados confirmam que o *status* do professor desempenha um papel importante na produção de um melhor aluno.

O objetivo deste estudo foi conhecer os motivos pelos quais os professores escolheram a profissão docente, que expectativas tinham no início da carreira e quais os reais desafios encontrados no dia a dia que da prática relacionando com as expectativas dos graduandos em Pedagogia para a futura profissão docente. Os participantes da pesquisa foram professores em exercício da sua profissão, dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública e graduandos em Pedagogia, curso superior na modalidade a Distância.

## A entrada na carreira docente

A palavra professor vem do Latim professor, *ōris* no sentido de o que faz profissão de, o que se dedica a, *professum*, de *profitēri*, no sentido de declarar perante um magistrado, confessar, dar a conhecer, mostrar, ensinar, ser professor (Dicionário Houaiss *online*).

O ensino escolar surge, tal como conhecemos, na Europa Moderna nos séculos XVI e XVIII dentro do contexto da reforma protestante e da contrarreforma católica. Este ensino passa ser essencialmente uma “profissão de fé”, no duplo sentido da palavra profissão. Primeiramente professar, exercer uma atividade em tempo integral e em segundo lugar, professar, exprimir sua fé, torná-la pública em sua vida e por sua conduta moral como professor (SHULMAN; SHULMAN, 2016).

A partir desse surgimento do ensino escolar, surgem os professores, sendo então, dentro das idades da profissão docente, a idade da vocação, que “[...] se caracterizava pela baixa autonomia das professoras que estavam sujeitas a várias formas de controle externas, pelos religiosos, pelos homens, pelos pais, por seus superiores, pelos que as pagavam, entre outros” (SHULMAN; SHULMAN, 2016, p. 556). Porém, a idade da vocação não está totalmente acabada e segundo os autores continuam a marcar o trabalho das professoras e seus *status*.

Foi somente no século XIX que o ensino passa então a idade do ofício, quando os estados impõem a obrigação da presença das crianças nas escolas. Assim, a relação das professoras com o trabalho muda, e gradualmente deixa de ser vocacional, torna-se contratual e salarial. Em contrapartida, surgem novas exigências, como um investimento inicial pesado, pois para serem professoras teriam que se formar. Foi durante todo o século XX que a profissionalização do ensino teve sua representatividade. Nessa idade da profissão, tinham que seguir alguns exigências para serem reconhecidas pelas autoridades estatais, como formação universitária de alto nível intelectual, ter uma corporação profissional, ter ética e autonomia profissional, sendo passível até mesmo de ser acusado de erro profissional pela sua corporação, pois é um profissional responsável por sua atividade (SHULMAN; SHULMAN, 2016).

Segundo vastas pesquisas já realizadas, a profissionalização do ensino vem sofrendo desde os anos de 1980 com diversos fatores que bloqueiam seu desenvolvimento e os professores estão muito distante de terem seu *status* elevado, pois enfrentam a deterioração de suas condições de trabalho, colocando o professor em um estado de insegurança e instabilidade, voltando assim as características da idade da vocação. O reflexo disso deixa-se ver pelo grave problema de atração e de retenção de profissionais para atuarem na área da educação. (SHULMAN; SHULMAN, 2016).

A profissão docente há muitos anos vem atravessando uma fase difícil, o que dificulta adquirir o estatuto social que lhe é devido. Embora a educação continue a ser reconhecida como um bem fundamental das sociedades contemporâneas e os professores profissionais dedicados, “[...] a profissão docente está em declínio, tanto por se ter tornado numa profissão mais complexa e exigente, como por ser exercida em condições que não ajudam” (MORGADO, 2011 p. 795). A profissionalização contribui para que o futuro professor desenvolva uma identidade profissional, já que lhe permite apropriar-se da cultura, valores e práticas característicos da profissão. São estes elementos que permitem ao professor identificar-se com um determinado grupo profissional. O autor discute a respeito da formação de professores, e afirma ser uma questão importantíssima porque dela depende a qualidade desses profissionais, a quem está delegada a tarefa de concretizar as expectativas que repousam sobre os sistemas de ensino.

Nóvoa (2017) argumenta que está acontecendo uma desprofissionalização do trabalho docente, manifestando-se de maneiras muito distintas, “[...] incluindo níveis salariais baixos e difíceis condições nas escolas, bem como processos de intensificação do trabalho docente por via de lógicas de burocratização e de controle” (NÓVOA, 2017, p. 1108). O autor critica a escolha da profissão docente, no Brasil e em muitos outros países, “[...] seja uma segunda escolha, por falta de outras alternativas, por razões de horário (oferta de cursos noturnos) ou por facilidade (cursos à distância). A primeira fragilidade da profissão reside, justamente, neste momento inicial” (NÓVOA, 2017, p. 1121).

O autor lembra que “[...] ser professor não é apenas lidar com o conhecimento, é lidar com o conhecimento em situações de relação humana. Precisamos de um acompanhamento, de uma reflexão sobre a profissão” (NÓVOA, 2017, p. 1127).

Existe a necessidade de os professores mudarem as suas práticas curriculares. Os professores desempenham um papel crucial para mudar e, conseqüentemente melhorar as instituições de ensino. Para tanto, é necessário que se desfaçam das posturas individualistas que têm caracterizado o seu dia-a-dia profissional, trabalhem em equipe e reflitam conjuntamente sobre o que fazem, como fazem e porque é que o fazem (MORGADO, 2011, p.808).

Segundo Nóvoa (2009) é preciso começar. Todos sabemos e até concordamos com o que deve ser o futuro da profissão docente. Porém, temos dificuldade em dar passos concretos nesse sentido. O autor argumenta que o trabalho de formação deve estar próximo da realidade escolar e dos problemas sentidos pelos professores. E isto não temos feito.

## **A pesquisa proposta**

Neste artigo, apresentamos o resultado de um recorte do estudo realizado com um grupo de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental da rede pública municipal de educação e de alunos de graduação em Pedagogia a Distância de uma universidade pública da região metropolitana Vale do Paraíba e Litoral Norte.

A presente pesquisa estrutura-se como de natureza aplicada, de abordagem qualitativa, considerando a subjetividade dos sujeitos como algo que não pode ser traduzida em números. É uma pesquisa descritiva, envolvendo levantamento bibliográfico, análise das respostas de questionários enviados aos graduandos de pedagogia e das entrevistas realizadas com 25 professores concursados na rede municipal e que acumulam outro cargo também de professor na mesma rede ou em outra rede de ensino, realizando seu horário de trabalho coletivo (HTC) no período noturno todas as terças e quintas-feiras das 19h10min às 21h40min horas. A coleta dos dados se deu em horário e local previamente agendados com os participantes e com questionário *google forms* enviado via plataformas educacionais, *e-mails* e redes sociais de 764 alunos da graduação a Distância dos diferentes polos da instituição e obtivemos o retorno voluntário de 46 respostas, representando 6% do total.

Os resultados são apresentados, a partir de categorias advindas da Análise de Conteúdo realizada a partir do material das entrevistas e questionários. Identificam-se, como elementos importantes para esta discussão: (i) a entrada na carreira, (ii) as expectativas, (iii) a realidade encontrada, e (iv) a reflexão sobre a pergunta “Você já pensou em desistir da profissão docente?”.

### **Perfil sócio demográfico dos professores**

Foram 25 professores participantes deste estudo, sendo a grande maioria do sexo feminino, correspondendo a 95,2% e 4,8% do sexo masculino. Em relação à idade, os dados foram coletados com um grupo bem distinto, sendo 23,8% deles com idade entre 21 e 30 anos, 33,3% entre 31 e 40 anos, 23,8% entre 41 e 50 anos e 19% acima de 50 anos, o que possibilitou uma variedade de experiências e reflexões acerca do tema.

Quanto ao rendimento familiar, por serem professores que acumulam dois cargos no magistério, 76,2% possuem uma renda entre 4,5 a 10 salários mínimos. Sua formação deu-se para a maioria em escola pública, onde 52,4% deles concluiu o Ensino Fundamental e Médio integralmente na rede pública, 14,3% integralmente na rede privada e 33,3% mesclaram sua formação básica em ambas as redes.

Em relação à formação profissional, mesmo sendo um grupo heterogêneo em termos de idade, a Pedagogia aconteceu para 4,8% antes do ano 2000, e divididos em 47,6% para cada grupo de tempo, dos que se formaram entre 2001 e 2010, e os que se formaram entre 2011 e 2019. Isso que demonstra que a escolha pelo curso ocorreu depois de já constituírem famílias e exercerem outras atividades profissionais.

Dos participantes do estudo graduandos em Pedagogia, em relação ao gênero, 80% são do sexo feminino e 20% do sexo masculino, reafirmando os dados do INEP (2018) que traz o número de 70,6% de matrículas de mulheres nos cursos de licenciatura. Em relação a idade dos participantes, eles correspondem a 13,3% acima de 50 anos, 13,3% entre 41 a 50 anos, 40% entre os 31 a 40 anos, 28,9% entre os 21 a 30 anos e apenas 4,4% que possui idade até 20 anos corroborando com a discussão da profissão docente não ser atrativa para os mais jovens (NÓVOA, 2017; SHULMAN e SHULMAN, 2016; GATTI, 2019, MARCELO, 2009b).

A renda familiar desse grupo corresponde a 53,4% deles contarem com até 3 salários mínimos e 46,6% constituem uma renda que soma até 10 salários mínimos. Relacionando essa distribuição de valores com a faixa etária dos graduandos confirma os dados de a Pedagogia ser uma opção para aqueles que já possuem outra atividade profissional remunerada e ser concebida como uma segunda alternativa de formação ou como a realização de um sonho, o de fazer uma faculdade.

A formação básica foi constituída para a maioria, 71,1%, integralmente em escola pública, para um grupo de 13,3% integralmente em escola privada e 15,6 dividindo seus estudos entre a rede pública e privada.

Por fazer parte desse estudo graduandos em Pedagogia a Distância, torna-se considerável destacar que 68,9% deles residem no estado de São Paulo, estando a maioria, 33,3%, matriculados no polo sede da instituição, o outro montante significativo de 17,8%, no maior município da mesma região metropolitana e os demais nos diversos polos que existem no país.

## A escolha da carreira docente

Ser professor, decidir entrar na carreira docente “[...] nem sempre é uma escolha fácil. Com efeito, ‘escolher’ significa ‘eliminar outras possibilidades’” (HUBERMAN, 1992, p.40).

A escolha do curso de Pedagogia e da carreira docente pelos participantes da pesquisa divide-se entre influência da família, segunda opção profissional e escolha pessoal pelo magistério.

O primeiro motivo que destacamos foi a influência da família. Ela foi decisiva para a escolha da profissão de alguns participantes desse estudo, sendo o reconhecimento do seu valor social determinante, como observa-se nos depoimentos:

[...] meus pais davam muito valor para o professor [...]. Escolhi ser professora por isso, pelo reconhecimento que minha família tinha no profissional, principalmente meu pai (entrevistada 2).

[...] Tudo o que minha professora dava na sala de aula, eu ficava escrevendo no guarda-roupa e meu pai viu aquilo e falou assim: ‘Nossa, eu acho que ela vai querer ser professora!’ e ele fez uma lousa pra mim [...] (entrevistada 7).

[...] minha mãe dizia: a profissão para mãe, dona de casa, para esposa, que não precisa se ausentar o tempo todo e era uma profissão bonita para a mulher [...] (entrevistada 12).

No entanto, outros não tiveram como primeira opção cursar a Pedagogia e seguir a carreira docente, tinham outras expectativas para seu futuro. A acessibilidade ao curso devido à flexibilidade de horários de estudo, educação a distância, gratuidade, número de vagas e bolsas de estudo foram alguns dos motivos que os levaram a ingressarem na área da educação. De acordo com os depoimentos, foi a profissão que os escolheu e acabaram se apaixonando.

[...] Não queria, decidi não ser professora, naquela época já não era valorizado, mas eu tive a oportunidade de dar aula de balé, eu fui dar aula de balé e gostei, eu gostei muito de ensinar, mas muito de ensinar, aí eu vi que queria ser professora [...] fui fazer Pedagogia e [...] faria Pedagogia de novo, de tanto que gostei, e daí me tornei professora” (entrevistada 1).

Na verdade, eu não decidi, foi o que era de graça [...], fui fazer, acabei gostando da área, me identificando com a área e decidi seguir a carreira (entrevistada 3).

[...] Foi o mais acessível no momento [...] (entrevistada 9).

[...] me apaixonei [...] foi escolha, mas depois de eu ver o que é fazer pedagogia (entrevistada 15).

[...] quando eu entrei na sala de aula me encantei e eu me apaixonei [...]. Então na verdade eu me apaixonei pela profissão, mas foi realmente o destino. Por uma questão de necessidade e depois eu me vi naquela situação e eu não conseguia mais pensar em outra possibilidade de profissão. Então foi basicamente isso, foi um encontro (entrevistada 20).

Na verdade, eu decidi ser professora depois que eu já tinha uma profissão [...]. Eu fui fazer Pedagogia, no último ano que eu decidi fazer estágio, eu entrei na sala de aula, senti o cheiro o giz de cera. Aquilo me tocou, daí eu tinha certeza que era aquilo que eu queria [...] (entrevistada 22).

[...]Eu brinco que foi a profissão que me escolheu [...] foi isso, estudar perto de casa, consegui a bolsa 100% [...], mesmo assim, nossa, pra mim foi uma realização (entrevistada 16).

O encanto com a prática pedagógica nos leva ao terceiro motivo da escolha pela carreira docente, uma escolha pessoal pelo magistério. Querer ser professora faz parte do imaginário de muitas crianças, desde a sua época escolar (MARCELO, 2009a) e esse sentimento reverberou em uma escolha profissional, estudar Pedagogia para poder ensinar.

Eu sempre quis ser professora pensando nos professores que eu tive (entrevistada 5).

[...] Sempre tirei férias na escola, escola sempre foi um ambiente muito bom pra mim [...] (entrevistada 6).

Desde criança eu sempre gostava de dar aula [...] não tive assim outra opção, eu mesma quis já ser a professora [...] (entrevistada 7).

Ah, então, eu sempre queria ser professora desde quando eu era pequenininha [...] gostava muito daquilo de escola (entrevistada 11).

Um dos primeiros momentos que eu senti essa necessidade foi na questão da alfabetização da minha mãe [...] (entrevistada 17).

Eu sempre gostei muito de criança e na minha cabeça uma profissão que eu estaria em contato sempre com aquela energia das crianças seria a professora [...] (entrevistada 19).

[...] Primeiro eu gostava da profissão e depois que eu pensava lá na frente, quando eu fosse casar e ter meus filhos [...] (entrevistada 21).

Atuar no magistério provoca uma realização. Foram as lembranças da infância e suas experiências com a escola que influenciaram em suas escolhas, expondo os bons professores e a conciliação do trabalho com a vida pessoal como suportes para o exercício na docência.

### **Expectativas com a profissão escolhida**

A entrada na carreira docente, analisada por Huberman (1992), faz parte da primeira fase do ciclo da vida profissional do professor e corresponde aos dois e três primeiros anos, quando o profissional entra em choque com a realidade, e a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional. Paralelamente vem

o entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar, finalmente, em situação de responsabilidade (ter a sua sala de aula, os seus alunos, o seu programa), por se sentir colega num determinado corpo profissional. Com muita frequência, a literatura empírica indica que os dois aspectos, a sobrevivência e o da descoberta, são vividos em paralelo é o segundo aspecto que permite aguentar o primeiro (HUBERMAN, 1992, p. 38).

A grande expectativa dos professores é de assim que concluíram a faculdade de Pedagogia, iniciar logo a trabalhar, assumir o papel de professor de uma turma. Afinal tudo aquilo que aprenderam na teoria poderiam pôr em prática “[...] minha primeira expectativa era de viver aquilo que na faculdade a gente não vive” (entrevistada 17). Fazer concurso e logo ter uma estabilidade também fazia parte dos seus objetivos, porém nem sempre atingidos rapidamente. O que leva aos professores participarem de processos seletivos, estudos para as provas, aguardarem ansiosos pelas listas de classificação e ainda participarem das atribuições de aula, que são agendados pelas secretarias de educação e lá são disponibilizadas todas as classes de aulas sem professores efetivos. Calcular a logística, programar o tempo, a distância, a turma e os materiais que terão que preparar, todos esses detalhes já estão sendo programados nessa escolha inicial.

Day (2001) destaca que os professores no início da carreira, no seu primeiro ano de ensino, são aprendentes vorazes e se preocupam desesperadamente em aprender o seu novo ofício.

Expectativa de não falhar [...] de poder auxiliar sempre, eu entendo como uma missão sabe, falhar nela eu tive que aprender, falhar na missão eu tive que aprender para conseguir dormir (risos) (entrevistada 12).

Eu sempre pretendi ser uma boa professora, de alguma forma que fizesse a diferença na vida de alguém (entrevistada 13).

Eu achava que iria ser tudo maravilhoso, que as crianças iam ser super comportadas [...] (entrevistada 4).

No início a gente acha que vai ser aquela *mega, power, super, hiper* professora (entrevistada 6).

[...] a gente de depara com uma situação assim, que a gente não tem essa ideia que existe antes de você *tá* lá, antes de você viver, e eu achava que iria ser diferente, que ia conseguir atingir todo mundo (entrevistada 9).

Ah, a gente espera que vai mudar o mundo (entrevistada 10).

Eu tinha expectativa realmente de tocar aquelas crianças, de transformar não só na esfera do aprendizado, mas também na esfera social (entrevistada 20).

Percebe-se nas falas dos entrevistados que ao assumir a profissão e adentrar ao universo escolar, as expectativas andavam juntas com o medo de falhar. Sendo que a vontade de fazer a diferença e a crença na importância da educação era maior. Assim, o entusiasmo em poder ensinar e contribuir para a formação de cidadãos se sobressaía.

Os graduandos em pedagogia, participantes deste estudo também possuem muitas expectativas para a futura e nova profissão. Eles relatam o quanto a profissão docente significa para eles, sendo

Uma maneira de participar e contribuir para o futuro do país (4º graduando).

A profissão docente é dedicação, é transmitir a outros conhecimentos para a vida (6º graduando).

Docente é aquele que abre o horizonte a seus alunos, os tornam críticos e responsáveis por si mesmos e dá igual oportunidades a todos (7º graduando).

A profissão docente para mim, é a raiz de todas as outras áreas. É por meio da docência que transmitimos valores e passamos conhecimento para nossos alunos. É por meio da docência, que a criança vivência diferentes momentos na vida, bem como, brincar, conviver, expressar, compartilhar, contribuir e assim por diante. Ou seja, a profissão docente para mim, é contribuir no desenvolvimento dos nossos futuros cidadãos. É ampliar e oportunizar experiências em conjunto, é torná-los pessoas críticas, tolerantes e flexíveis (8º graduando).

É um trabalho de dedicação e amor em ensinar ao próximo (12º graduando).

Ser protagonista junto com os alunos incentivado eles cada dia mais, dando exemplo, ensinando com amor (21º graduando).

Ser professor é compartilhar conhecimento, propagar informação, fazer o outro crescer, mostrar caminhos, dar as mãos, e para isso tudo é necessário criar vínculos, se aproximar e compreender os alunos (29º graduando).

A profissão docente é a oportunidade de transformar o mundo, nem que seja o mundo de algumas poucas pessoas que estão por perto de você (31º graduando).

Ser professor é acreditar no futuro melhor, onde através da educação e dos estudos todos podemos realizar nossos sonhos e assim incentivar outras pessoas (40º graduando).

É a chave para a mudança social (38º graduando).

As perspectivas são de certa forma romantizadas, observando-se este sonho em mudar o mundo tanto nos graduandos de hoje quando nos professores experientes quando iniciaram as suas carreiras na educação. Esses objetivos de formar cidadãos críticos, melhores, conscientes permeia todos que trabalham com formação.

## **A realidade da profissão na prática**



Marcelo (2009b) reforça a necessidade de a profissão ser atrativa, questionando como fazer para conservar no ensino os melhores professores e como conseguir que estes continuem aprendendo ao longo da carreira. O autor ressalta que

[...] ser professor no século XXI pressupõe o assumir que o conhecimento e os alunos [...] se transformam a uma velocidade maior à que estávamos habituados e que, para se continuar a dar uma resposta adequada ao direito de aprender dos alunos, teremos de fazer um esforço redobrado para continuar a aprender (MARCELO, 2009, p. 8).

Questionados sobre a realidade encontrada quando entraram em uma sala de aula, se foi diferente do que esperam, quase unanimemente as respostas foram “muito”. Apenas aqueles que fizeram estágios através do *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid)* relatam que já sabiam o que iriam encontrar. Os professores alegam que o curso não os prepara para a realidade. Não imaginam que entrando em uma sala de aula observariam tamanha dificuldade dos alunos e teriam que lidar com os diferentes comportamentos sociais das crianças. O sentimento de muitos é de falha, surgindo a reflexão da sua prática:

Nossa, mas então a gente precisava ter isso e não tem! E aí a gente começa no grupo, a gente começa a refletir isso (entrevistada 4).

Então a gente acha que vai dar conta de tudo e aí na prática você vai vendo que o que você aprendeu na teoria é bem diferente (entrevistada 6).

Eu achei que era mais fácil e eu nem imaginei que o trabalho docente fosse tão burocrático (entrevistada 1).

Não tinha conseguido perceber alí que era uma geração já muito diferente, outra geração, que até a forma da abordagem tinha que ser diferente então acho que isso assim fez quebrar esse sonho encantado de que tudo vai dar certo, de que todo mundo vai aprender da mesma maneira (entrevistada 4).

Esperava um mundo maravilhoso [...] nunca imaginei que o comportamento ia interferir muito mais do que a didática (entrevistada 14).

Muito, eu tinha assim, uma ilusão de uma sala de aula perfeita, os alunos querendo aprender, todos sentados, sorridentes, igual da televisão (entrevistada 1).

Vai sendo provocado nesses docentes uma contínua postura *meta-analítica*, com questionamentos constantes da sua ação, permanente interpretação, pois na carreira docente “[...] aprende-se e exerce-se na prática, mas numa prática informada, alimentada por velho e novo conhecimento formal, [...] numa prática colectiva de mútua supervisão e construção de saber *inter pares* (ROLDÃO, 2005, p 102).

Os professores desenvolvem sua profissionalidade tanto pela sua formação básica tanto pela graduação, como também nas suas experiências com a prática docente, pelos relacionamentos

*inter pares* e com o contexto das redes de ensino. (GATTI, 2009, p. 98).

Segundo Nono e Mizukami (2006) o professor iniciante se vê desarmado e desconcertado ao perceber que a prática real do ensino não corresponde aos esquemas ideais com os quais ele se formou. As pesquisas apontam que assim que começam a lecionar, os novos professores iniciam uma revisão de suas atividades e ideais, na tentativa de adaptá-los à dura realidade da sala de aula, marcada por uma limitações que atuam diretamente sobre seu trabalho, dentre as quais a falta de recursos materiais e condições adequadas, o acúmulo de exigências e o aumento da violência nas instituições escolares.

De acordo com Tardif e Raymond (2000), o confronto com a realidade força os professores iniciantes a questionar a visão idealista que possuem sobre a profissão docente. Quando se distanciam dos conhecimentos acadêmicos e mergulham no exercício da profissão, passam a reajustar suas expectativas e percepções anteriores.

Shulman e Shulman destacam que “para os professores, seus conhecimentos estão profundamente ancorados em sua experiência de vida no trabalho (SHULMAN e SHULMAN, 2016, p. 568). Os conhecimentos dos professores não são saberes teóricos, mas sim conhecimentos enraizados no trabalho e em suas experiências como professores e, portanto, eles provêm de uma epistemologia da prática. Essas dificuldades fizeram com que percebessem que apenas o curso de pedagogia não era suficiente, era necessário estudar mais, buscar conhecimentos que contribuíssem com alternativas para que seus alunos avançassem.

Para Roldão (2007) é a capacidade analítica do professor que passa a tomar conta de seus pensamentos, pois a prática reflexiva torna-se necessária e urge como um exercício permanente da capacidade analítica opondo-se diretamente ao agir docente rotineiro.

É a reflexão sobre o próprio ensino que reverberará em um melhor desempenho como docente.

### **Você já pensou em desistir da profissão docente?**

Segundo Huberman (1992), para alguns professores é a monotonia da vida cotidiana em sala de aula, ano após ano, que provoca este tipo de questionamento. Para outros, é provavelmente o desencanto, correspondentes aos fracassos das expectativas e experiências que desencadeia a “crise”. De acordo com o autor trata-se, em termos não muito precisos, do meio da carreira, em um período que se situa entre os 35 e os 50 anos, ou entre o 15º aos 25º anos de exercício na profissão. Conceitua-se em “[...] fazer um balanço da sua vida profissional e em encarar a hipótese, por vezes com algum pânico, de seguir outras carreiras, ‘durante o pouco tempo em que isso ainda é possível’” (HUBERMAN, 1992, p. 43). É um momento de angústia que passam, refletindo sobre uma possível mudança.

Bate um desânimo, um mês, as vezes dois meses [...]. Então o que eu tenho que fazer é eu me mudar, eu mudar o meu olhar, porque o que que tá me desanimando né, aí eu tento fazer essa reflexão pra não desistir e continuar [...] que outro caminho vou seguir, mas eu não me imagino numa outra profissão (entrevistada 4).

Várias vezes, várias vezes e me sentindo fracassada na missão, as vezes eu pensei em desistir. Não me deixou confortável pensar em não querer mais (entrevistada 12)

Não, por incrível que pareça não. Não, nunca pensei. Eu acredito e eu quero continuar (entrevistada 13)

Muitas vezes (risos). Eu já pensei muitas vezes assim: as vezes bate uma crise existencial realmente. Assim: Meu Deus, o que que eu tô fazendo aqui, mas será que realmente esse é meu

lugar! Porque as vezes a gente nada sozinha na educação [...]. É lógico que a gente faz por amor e tudo mais, mas ninguém vive, ninguém tem uma profissão simplesmente por amor (entrevistada 20).

Não, nunca pensei em desistir, pensei sempre em tentar melhorar e ver se *tava* alguma coisa dando errado, o que que eu estava fazendo (entrevistada 15).

Gatti (2009) expõe que o “[...] salário é relativamente baixo e quase não há perspectivas de se agregar mais valor a ele durante os anos de exercício profissional. A carreira não se mostra compensatória [...]. Isto acumula desestímulo [...]” (GATTI, 2009, p. 97).

A profissionalização do professor, segundo Tardif (2013), não trouxe de forma alguma, os resultados prometidos no ponto de partida. Assim, não é de se estranhar que a profissão de docente experimente por toda parte graves problemas de atração e de retenção, com muitos profissionais abandonando logo nos primeiros anos de exercício.

Marcelo (2009b, p. 8-9), coloca que “o ensino é um trabalho exigente e não é qualquer pessoa que consegue ser um professor eficaz e manter essa eficácia ao longo do tempo.” A profissão requer professores que tenham a perspicácia de reconhecer que o conhecimento se transforma constantemente e os alunos estão acompanhando este ritmo, assim, para se continuar a dar uma resposta adequada ao direito de aprender dos alunos, os professores terão de fazer um esforço redobrado para continuar a aprender.

Segundo Day (1999, p. 86) “os compromissos e ligações emocionais dos professores com os alunos, quer sejam positivos, quer sejam negativos, dão energia e articulam tudo o que eles fazem. Ensinar envolve uma grande dose de trabalho emocional”. E é baseado nessa emoção que os participantes dessa pesquisa relataram que mesmo muitos deles já terem pensado em desistir da profissão, foi algo passageiro, que logo deixaram de lado, pois amam o que fazem e não se veem em outra atividade profissional.

Não é um mar de rosas, todos os dias, se fosse também não teria graça, mas eu nunca pensei em fazer outra coisa, nunca pensei em deixar de trabalhar com educação, nunca. Eu acho que não seria feliz (entrevistada 1).

Eu penso em desistir, mas quando fico longe eu tenho saudades (entrevistada 9).

Não, nunca pensei não (risos) porque é o que eu gosto, é isso que eu gosto de fazer, eu gosto de estar com as crianças, eu gosto de planejar e desenvolver as coisas, gosto de fazer as coisas diferentes (entrevistada 11).

Não sei se teria coragem (risos). A gente, nossa! Se realiza mesmo! Eu falo: ‘sou realizada’ (entrevistada 16).

Olha, eu acho difícil quem não pensou (risos) no momento assim, tem momentos que a gente passa por crises, dificuldades. Principalmente quando a gente começa a perceber muitas cobranças e você percebe que assim, que aquelas cobranças estão assim, te sufocando, porque você não tá conseguindo fazer o que realmente é para fazer. Então eu já pensei em desistir, mas foi assim, uma coisa muito rápida, foi coisa de momento e que já passou, porque eu na verdade,

eu gosto muito da sala de aula, eu amo mesmo o que faço (entrevistada 18).

Nunca, eu adoro o que faço (entrevistada 19).

Não, não pensei, por mais difícil que seja [...] como eu tenho experiência com a minha primeira formação de administração de empresas [...] hoje eu sei exatamente quando é que você faz uma coisa que você gosta e quando você faz alguma coisa por dinheiro, e a educação é uma coisa que eu gosto. Então eu tenho prazer, mesmo dobrando período, mesmo você tendo 20 minutos pra almoçar, entrar na escola meio dia e meia com aquele calor, suando, que você come a comida e a comida não fez digestão, mesmo com tudo isso, eu gosto da sala de aula, você acredita? [...] E eu acho que a troca que você tem que seu o aluno te deixa viva, essa energia que as crianças demandam para a gente te deixa viva e eu não penso em desistir jamais (entrevistada 22).

Uma nova identidade do trabalho docente está sendo construída, pautada em uma combinação renovadora dos componentes que envolvem a profissão, sendo o conhecimento técnico a capacidade em solucionar problemas do ensino aprendizagem; a vocação, um compromisso ético/moral, de respeito, cuidado e interesse pelo outro, que é um sujeito de direitos; e a politização, a formação de um cidadão ativo, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, mais livre e mais humana (FANFANI, 2007).

Os graduandos participantes deste estudo que ainda não atuam como docente acreditam na profissão e não pensaram em desistir “Não. Pois quero muito atuar como professora para oferecer uma educação de qualidade” (11º graduando). Outros, porém, mesmo estando estudando, demonstram que a sala de aula hoje é um local inseguro para se trabalhar. Os desafios são enormes, como podemos observar em algumas respostas

Sim, pelos diversos desafios que temos que enfrentar todos os dias, como violência e intolerância. Além do cansaço emocional e desgaste físico (8º graduando).

Sim, muitas vezes. Pois a profissão é muito desvalorizada (26º graduando).

Sim, pelas agressões verbais e falta de amparo na instituição (35º graduando).

No momento sou estudante de pedagogia e não penso em desistir, mas vejo muitos professores desistindo por vários motivos, dentre esses, muitos estão com depressão pelo excesso de cobrança e sobrecarregados (40º graduando).

Os problemas relacionados a uma rotina escolar e pedagógica são desafiadores, porém, analisando globalmente professores e graduandos em sua maioria sentem-se motivados e escolhem continuar e seguir esse caminho, acreditando numa futura valorização.

## Considerações Finais

Ter como objeto de estudo a profissão docente, remete-nos a emergência do tema na atualidade e seus reflexos para o futuro da educação. A entrada na carreira docente deve ser uma escolha consciente, pois é determinante para o sucesso em seu exercício. O professor é uma peça fundamental na sociedade e documentar os processos pelos quais esse profissional se constituiu na carreira, as expectativas iniciais, a realidade encontrada e as frustrações que o fizeram amadurecer, enfrentar desafios e permanecer na docência é de suma importância para a continuidade dessa atividade.

O estudo demonstrou que a escolha pelo curso de Pedagogia e da carreira docente divide-se entre influência da família, segunda opção profissional e escolha pessoal pelo magistério, sendo esta última utilizada de forma implícita como justificativa para a continuidade na carreira.

Expectativas romantizadas, sonho de mudar o mundo, de atingir a todos corroboram com a afirmação de Sacristán (2000, p.38) “sem utopia não há educação”. Segundo o autor é preciso meditar sobre o que ocorreu para dar-nos perspectivas, impulsos e inquietações que nos mobilizem e nos levem a transformação. É necessário a insatisfação para que ocorra o movimento. Ficou evidente nesse estudo a possibilidade de desistir da profissão, porém é a subjetividade do passado e do presente que os fortalece e anima a continuar.

## Referências

BARRETO, P. C. S. Gênero, raça, desigualdades e políticas de ação afirmativa no ensino superior. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.16, p. 39 -64, jan./abril. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00039.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.

DAY, C. **Desenvolvimento profissional de professores: os desafios da aprendizagem permanente**. Porto: Porto Editora, 2001. Cap. 3, p. 85-114.

DOLTON, P. M.; VRIES, R; SHE, P. **Global Teacher Status Index 2018**. Varkey Foundation: 2018. Disponível em: <https://www.varkeyfoundation.org/media/4790/gts-index-9-11-2018.pdf>. Acesso em: 26 abr de 2019.

**Dicionário online Houaiss**. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#7>. Acesso 23 fev. 2020.

FANFANI, E. T. Consideraciones sociológicas sobre profesionalización docente. **Educación & Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 99, p. 335-354, maio/ago., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n99/a03v2899.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

GATTI, B. A. Formação de professores: condições e problemas atuais. **Revista Brasileira de Formação de Professores - RBFP**, vol. 1, n. 1, p.90-102, maio/2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v31n113/16.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.

MORGADO, J.C. Identidade e profissionalidade docente: sentidos e (im)possibilidades. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 73, p. 793-812, out./dez. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v19n73/04.pdf>. Acesso em 28/04/2019.

MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. **Formação docente**. Belo horizonte, vol.01, n.01, p. 109-131, ago-dez. 2009a. Disponível em: <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbfp/article/view/8>. Acesso em: 27 fev. 2020.

MARCELO, C. Desenvolvimento Profissional: passado e futuro. **SÍSIFO: Revista de Ciências da Educação**, n.º 8, p. 7-22, jan/abr., 2009b. Disponível em: [http://www.unitau.br/files/arquivos/category\\_1/MARCELO\\_\\_\\_Desenvolvimento\\_Profissional\\_Docente\\_passado\\_e\\_futuro\\_1386180263.pdf](http://www.unitau.br/files/arquivos/category_1/MARCELO___Desenvolvimento_Profissional_Docente_passado_e_futuro_1386180263.pdf). Acesso em: 20 jul. 2019

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v47n166/1980-5314-cp-47-166-1106.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2020.

NÓVOA, A. **Professores: Imagem do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

NONO, M. A.; MIZUKAMI, M. G. N. Processos de formação de professoras iniciantes. **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 87, n. 217, p. 382-400, set./dez. 2006. Disponível em: [file:///C:/Users/iccul/Downloads/1450-Texto%20do%20artigo-1420-1-10-20190820%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/iccul/Downloads/1450-Texto%20do%20artigo-1420-1-10-20190820%20(1).pdf). Acesso em: 15 out. 2019.

ROLDÃO, M C. Função docente: natureza e construção do conhecimento profissional. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 94-103, jan./abr., 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a08v1234.pdf>. Acesso em: 15 out. 2019.

SACRISTÁN, J. G. A educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNÓN, F. (org). **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2000, reimpressão 2008, pp. 37 – 63.

SHULMAN, L. S.; SHULMAN, Judith H.. Como e o que os professores aprendem: uma perspectiva em transformação. **Cadernos Cenpec | Nova série**, [S.l.], v. 6, n. 1, dez. 2016. ISSN 2237-9983. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/353>. Acesso em: 20 jul. 2019.

SHULMAN, L. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**. São Paulo, v.4, n.2, p.196-229, dez. 2014. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/293>. Acesso em: 27 fev. 2020.

TARDIF, M. A profissionalização do ensino passados trinta anos: dois passos para a frente, três para trás. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 34, n. 123, p. 551-571, abr-jun. 2013. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302013000200013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000200013&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 27 fev. 2020.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade: revista quadrimestral de Ciência da Educação/Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES)**, Campinas, n. 73, p. 209-244, 2000. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-7330200000400013&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-7330200000400013&lng=en&nrm=iso). Acesso em 27 fev. 2020.